



SUELI DE BRITTO SALLES

*Eu te amo*

ELA NÃO VIU QUANDO CHEGUEI. Estava muito cansada, atrás de um pacote de provas e diários de classe. Caneta vermelha duelando com respostas azuis, folha após folha. Os cabelos ruivos, presos, deixavam a nuca à mostra. Linda! Meus lábios de 12 anos estremeciam por respirar o mesmo ar que ela.

— Professora! — chamei baixinho, com medo do que viria depois.

Ela se virou para mim e largou a caneta:

— Senta aqui, vamos conversar.

A sala vazia. O silêncio. Toneladas nas pernas a cada passo. O tremor incontrolável da mandíbula. Meu





deus! O que é que eu estava fazendo ali? Definitivamente, estava louco. Era o meu fim. Em alguns segundos revi o roteiro que me levara àquele filme de terror...

• • •

Sua imagem pisando a sala no primeiro dia de aula jamais saía da minha mente: sob um casaco cinza e com as mãos ocupadas com pastas e livros, ela percorreu lentamente o trajeto da porta à mesa com a segurança de um imperador. Conferiu a turma com os olhos e disparou um “bom-dia” embrulhado em leve sorriso. Pronto! Aquilo bastou para arrebatá-lo meu coração, que seria, durante os onze longos meses seguintes, seu mais submisso escravo.

Era minha primeira paixão e, por isso, sentia-me completamente inexperiente no assunto. Em casa, estrelas nos olhos, corri para contar ao meu irmão mais velho, que riu (e muito!) da minha novidade: “Ridículo, cara! Se enxerga! Gostar da professora... Que mané!!”. Achei melhor engolir o fato que passaria a ser meu grande segredo; afinal, se meu irmão acabara comigo por causa disso, o que as outras pessoas poderiam fazer?

Virei fera em matemática, mas não conseguia equacionar meu desejo de conquistar sua atenção e a necessidade de disfarçar meus olhos grudados em cada poro de sua pele. O fato, porém, é que, fechada a vácuo, a paixão parecia fermentar: crescia, latejava, queria explodir no mundo. Depois de alguns meses,





essa mistura de prazer e dor começava a provocar efeitos colaterais. Eu tinha emagrecido, estava desatento ao resto da vida, chorava quando estava sozinho. Precisava fazer algo, dividir isso com alguém. Com ela? Ah, se eu tivesse coragem...

E tive. Numa certa manhã de prova, escrevi no final da folha de respostas um recadinho pedindo para conversar após a aula, o que foi aceito, conforme o bilhete que ela me enviou por um funcionário: “Espero você às 12h30 na sala 7”.

• • •

Aquela era a sala 7. O relógio confirmava: 12h30. Ela e as provas. Instantes depois, eu ali, sentado na sua frente.

— O que está acontecendo, João? Você está com algum problema?

Minha falta de ar apagou parte do que aconteceu naqueles instantes, mas deve ter sido algo mais ou menos assim: Não posso dizer. Por quê? Tenho medo. Não... O quê? Você. Eu? Não tenha medo. É que... eu te amo (assim rapidinho, atropeladinho no meio de um monte de qualquer outra coisa pra ver se ela nem entendia direito).

Imensos cinco segundos de silêncio — e ela finalmente sorriu. Levantou-se da cadeira e curvou-se em minha direção. Afastou-me o cabelo e me beijou a testa:

— Está tudo bem! Isso é normal, ok? Se você quiser, a gente conversa mais sobre isso outro dia. Agora vá





pra casa e você vai ver que, aos poucos, esse incômodo vai diminuindo e, logo, logo, já vai ter passado.

Apesar da dor contida que vinha sofrendo e do ápice de tensão que aquela conversa provocara em meu estômago, eu não queria que a paixão passasse. Ingênuo, ainda não sabia que tantas brigariam por um espaço qualquer no meu coração, mas nenhuma outra jamais teria aquele espaço, o primeiro.

• • •

Sabe aquela dor terrível da anestesia direto na inflamação, quando o dentista finalmente começa a tratar um canal? O que faz com que ela compense é que, dali pra frente, tudo começa a melhorar. No ano seguinte eu conheceria Jaqueline e descobriria o prazer de amar e ser correspondido.

